



A AMBIVALÊNCIA MATERNA EM *CORALINE* DE NEIL GAIMAN (2003)¹

MATERNAL AMBIVALENCE IN *CORALINE* BY NEIL GAIMAN (2003)

Thays Eloize Leme Bonato²

Artigo submetido em: 12 set. 2021

Data de aceite: 18 nov. 2021

Data de publicação: 20 dez. 2021

RESUMO: Neste trabalho buscamos refletir a maternidade como uma potência ambivalente como é o caso da obra *Coraline* (GAIMAN, 2003), que será analisada, a fim de compreendermos os aspectos maternos, e a maneira como é trabalhada a perspectiva da prole no romance. Nosso *corpus* foi delimitado nas personagens Outra Mãe e Mãe da Coraline, sendo ambas representações dos arquétipos da mãe boa e da mãe má. Esses arquétipos são demonstrados pelo viés da protagonista no decorrer da história. Para tanto, utilizamos como referencial teórico autores como Badinter (1985), Benhaïm (2007) e Jung (2019), apoiando-nos em conceitos por eles explorados. Finda a análise, percebe-se a evolução da protagonista ao superar a necessidade de idealizar a figura materna.

Palavras-chave: Maternidade. Arquétipo. *Coraline*.

ABSTRACT: In this work we seek to reflect motherhood as an ambivalent power as is the case of the work *Coraline* (GAIMAN, 2003), which will be analyzed in order to understand the maternal aspects, and the way it is worked from the perspective of the offspring in the novel. Our corpus was delimited in the characters Outra Mãe and Mãe da Coraline, both being representations of the archetypes of the good mother and the bad mother. These archetypes are demonstrated by the protagonist's bias throughout the story. For that, we used as theoretical reference authors such as Badinter (1985), Benhaïm (2007) and Jung (2019), based on concepts they explored. After the analysis, the protagonist's evolution can be seen by overcoming the need to idealize the mother figure.

Keywords: Motherhood. Archetype. *Coraline*.

¹ Texto orientado pela Profa. Dra. Clarice Lottermann, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR, Brasil.

² Mestranda do Curso de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8681304989926890> / <https://orcid.org/0000-0002-6614-2103>





INTRODUÇÃO

O romance *Coraline* foi publicado em 2002 pela Bloomsbury no Reino Unido e pela Harper Collins, nos Estados Unidos. Já a versão que utilizaremos foi publicada no Brasil, em 2003, pela Rocco.

Trata-se de uma história fantástica de terror. A obra ganhou os prêmios Hugo e Nebula Award de melhor novela de 2002 e o Bram Stoker Award de melhor trabalho de novos escritores de 2002. Além disso, a obra foi muito comparada com *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll, devido ao surrealismo e à trama, que se utiliza de uma realidade alternativa.

O próprio autor, Neil Gaiman, em uma entrevista que deu para *Booklist* (2002), afirma que utilizou da obra de Carroll como inspiração, juntamente com *The new mother* escrita por Lucy Clifford em 1882. As semelhanças com esta são claras:

Existem outras influências muito estranhas. O mais esquecido é uma senhora chamada Lucy Clifford... Uma [de suas histórias], "O Nova Mãe", [é] sobre essas crianças que... se comportam mal porque querem algo que outra criança tem, uma pêra [tambor]. A mãe fica dizendo: "Por favor, por favor, por favor, não se comporte mal, ou eu vou tem que ir embora, e sua nova mãe terá que vir." Mas eles se comportam mal, e quando eles vão para casa, sua mãe não está lá. Eles olham para baixo no final do estrada, no escuro, onde veem chegando em direção a eles as chamas dos olhos da mãe, além de ouvir o balanço de sua cauda de madeira. Isso ficou definitivamente preso a mim. Aqui estava alguém escrevendo ficção infantil, ao mesmo tempo Alice foi escrito, que estava disposto a ir de uma



forma, em algo realmente perturbador e primitivo. (OLSEN, 2021, ênfase no original)³

As similaridades entre a **New Mother** de Clifford e a **Outra Mãe** de Gaiman são claras e estudos já foram realizados com a finalidade de fazer uma análise mais aprofundada entre as duas, como o artigo: *The mother with the button eyes: an exploration of the story construct of the "other-mother"* escrito por Jax Goss (2009).

Em 2008, *Coraline* foi rerepresentada como uma *graphic novel* ilustrada por Philip Craig Russel e, em 2009, ganhou uma adaptação para cinema. O filme foi feito em *stop-motion* e dirigido por Henry Selick.

É importante ressaltar que, Neil Gaiman, o autor de *Coraline*, já era conhecido quando publicou a obra, sendo famoso por obras como *Sandman*, HQ mundialmente conhecida que esteve em circulação de 1988 a 1996, além de ser ganhadora do prêmio Fantasy World Award em 1991.

A história de Coraline inicia com a mudança da personagem com seus pais para uma nova casa; a personagem explora as redondezas, até um dia de chuva que a acaba mantendo retida dentro de casa, cheia de tédio. Nesse mesmo dia, descobre a porta misteriosa e pede para a sua mãe abri-la, dando de cara com uma parede que bloqueia a passagem.

No dia seguinte, após visitar suas vizinhas, as Senhoritas Spink e Forcible, além de conversar rapidamente com o vizinho de cima que treina ratos, Coraline volta para sua casa. Novamente entediada, tenta abrir a porta misteriosa, mas se depara com ela trancada. Apenas no dia seguinte, enquanto sua mãe foi ao mercado, Coraline consegue adentrar no outro mundo pela porta.

Neste novo mundo encontra uma casa igual à sua, com pais similares aos seus, com exceção dos olhos de botão e de algumas particularidades da outra mãe:

Apenas sua pele era branca como papel.

Apenas ela era mais alta e mais magra.

Apenas seus dedos eram demasiado longos e não paravam nunca de se mexer, e suas unhas vermelho-escuras eram curvadas e afiadas. (GAIMAN, 2003, p. 37)

3 No original: "There are other very odd influences. The most forgotten is a lady named Lucy Clifford. . . One [of her stories], 'The New Mother,' [is] about these children who... behave badly because they want something another kid has, a pear [drum]. Their mother keeps saying, 'Please, please, please, don't misbehave, or I'll have to go away, and your new mother will have to come.' But they do misbehave, and when they go home, their mother's not there. They look down at the end of the road, in the dark, where they see coming toward them the flames of their new mother's eyes and hear the swish, swish, swishing of her wooden tail. That definitely stuck with me. Here was somebody writing children's fiction, at the same time Alice was written, who was willing to go all the way, into something really disturbing and primal." A tradução da citação foi feita pela autora deste artigo.



Nesse primeiro dia no **outro mundo**, Coraline come uma boa comida e frequenta o espetáculo estrelado por suas vizinhas idosas, as quais agora parecem bem mais jovens. Além de conhecer a outra versão do seu vizinho de cima e dos seus ratos. Mesmo esse outro mundo sendo tentador, Coraline volta para sua verdadeira casa, percebendo, em seguida, que seus pais ainda não voltaram. Dias se passam até que Coraline descubra que seus pais verdadeiros foram sequestrados por sua Outra mãe, obrigando-a a retornar a fim de resgatá-los.

Para conseguir resgatar seus pais e a alma de outras crianças que foram aprisionadas pela Outra mãe, Coraline propõe, com a ajuda do Gato, um jogo de exploração. À medida que os resgates das pessoas que estavam aprisionadas nesse outro mundo vão acontecendo, esse lugar começa a se desmanchar. Por fim, após enganar a Outra mãe, a menina consegue fugir com seus pais, o Gato e a alma das crianças.

A história de Coraline se encerra com a personagem descobrindo que a mão direita da Outra mãe conseguiu atravessar o portal e está tentando roubar a chave. Dessa forma, é criado um plano que finda com a mão e a chave no fundo do poço abandonado do quintal da casa.

A partir desta experiência de Coraline, neste artigo buscamos analisar a figura materna e como esta afeta direta e indiretamente a personagem, por intermédio da figura da Mãe e da Outra mãe.

MÃE BOA *VERSUS* MÃE MÁ

A presença materna é muito marcante na narrativa, desde suas influências, como anteriormente mencionado na entrevista de Gaiman, a Mãe, em seu romance, se apresenta de maneira ambivalente, e por essa perspectiva buscaremos a analisar, além de levar os arquétipos maternos em consideração.

Ao observar a dualidade materna, podemos perceber que um dos arquétipos utilizados no romance é o da mãe boa e o da mãe má, sendo personificados pelas personagens a Outra Mãe e a Mãe da Coraline.

Para tratar do arquétipo materno utilizaremos a definição de Jung, segundo o qual:

Seus atributos são o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorado, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 2019, p. 159, ênfase no original)

É interessante ressaltar que a própria definição do arquétipo utilizada por Jung é ambivalente, trazendo esse aspecto dicotômico da maternidade, no qual dois valores de diferentes polaridades se combinam. Ainda em Jung, podemos perceber essa ambivalência em: “Trata-se de três aspectos essenciais da mãe, isto é, sua bondade nutritiva e dispensadora de cuidados, sua emocionalidade orgiástica e a sua obscuridade subterrânea” (JUNG, 2019, p. 159). Tais aspectos reforçam o arquétipo materno, além de demonstrar sua dualidade intrínseca.

É importante ressaltar que a obra em análise pode ser associada aos contos de fada e a histórias moralizantes, pois Coraline inicia sua trajetória de crescimento com a ideia de que sua mãe não é boa. Ocupada, trabalha demais, não fornece o tipo de comida que a filha gosta, dentre outras coisas, diferente da Outra Mãe, que expressa um compilado de comportamentos sedutores, mas que de alguma forma acabam por assustar, pois esta mãe se encontra no lugar do Outro, submetida a um ser de puro ódio, o qual é referido quando busca um tipo de compensação da **filha** por todos os seus feitos.

É importante que antes de tratarmos do ódio da mãe, consideremos a questão do amor materno. A estudiosa Benhaïm (2007) o define:

O amor materno, o “verdadeiro”, é o mito de um amor pacificado, não ambivalente, inteiramente devotado ao objeto. A criança submersa num processo de sobrevivência pode, num sintoma, pedir clemência e salvar assim seu desejo. (...) Fazer de seu filho um objeto real no fantasma materno é, ao lado do amor narcísico primário que tem sua origem na coesão e na segurança e que torna a criança um revelador da perda interior necessária, estabelecer uma relação, um amor fundado no Gozo, amor que visa finalmente dominar aquilo de que a mãe é objeto submetido. Em troca, a criança, fazendo eco, cativa do gozo de sua mãe, parece estar por sua vez submetida a um gozo insubjetivável e se cala, isto é, deixa de chamar o Outro dos cuidados maternos. A criança dita “mártir” poderia ser, segundo esta hipótese, aquela que está submetida, que se constituiu como objetivo da destruição deste Outro do gozo. (BENHAÏM, 2017, p.13, ênfase no original)

Ao se referir ao amor narcísico, como semelhante ao amor materno, é visado a ideia e concepção do início desse amor no mito grego, que inicia juntamente do mito de origem de Narciso. Esse mito grego trabalha com o início da ideia de mãe protetora, além da ideia do que vem a ser o sujeito mãe e com as delimitações (estereotipadas) impostas para a função do pai e da mãe de criança.

Segundo Noguera (2017), a primeira parte do mito de Narciso inicia com o interesse mútuo entre Lírope e Céfiso, o deus-rio, o que proporciona

aos dois uma gravidez não planejada, e como o deus-rio seguia uma ordem divina que deveria se casar com a mortal, deusa e todo qualquer ser que engravidasse, o enlace entre os dois ocorre. A gravidez de Narciso é difícil, e logo que foi dada luz, houve bastante atenção no bebê, tanto dos seres a volta desse, como de seus pais. Líriope, mãe de Narciso, começa a desempenhar a função de mãe preocupada e superprotetora. Já Céfiso, desempenha a de pai que fica feliz com a chegada do filho, mas por se tratar do deus-rio, que está sempre em movimento, se coloca em uma posição na qual não tem obrigação de permanecer atento à criação do filho. Desta forma, a ligação do mito de Narciso, com o mito do amor materno se torna clara, pois dentro de ambos é visto o grande peso da responsabilidade da mãe e sua obrigação com a sua prole.

Vale ressaltar, ainda, que a relação do gozo descrita pela autora, tem a ver com a sensação de prazer extremo. Sendo assim, é compreendido que a relação dessa mãe que corresponde ao amor materno descrito, é de uma mãe que sente grande satisfação em sua posição materna e se sente contemplada em sua maternidade.

Desta forma, faz-se importante lembrar que o amor materno é o amor idealizado, e foi concebido por muito tempo como um termo ligado aos instintos, ou seja, que todo o sujeito possuidor da oportunidade e dos meios para procriar o deseja. Levando essa concepção arquetípica em consideração, não há como esse tipo de amor ser mal, ou fornecer ódio para a mãe, mesmo que esse ódio seja suficientemente bom.

O **ódio suficientemente bom** é um termo utilizado por Benhaïm (2007) para descrever a ambivalência da relação da mãe e da criança, sendo que essa força ambivalente pode ser usada de forma positiva ou negativa.

A ambivalência pode tomar aspectos ditos “negativos” se a criança sofre muitas decepções, quando sua demanda angustia excessivamente a mãe e quando esta angústia invade os dois: o corpo adota então uma imagem de corpo morto. Se nada é simbolizado, vem à luz uma hiperidealização com o objetivo de contornar o ódio necessário como estruturante do amor: *o ódio é o que poderia estruturar o amor materno como um amor que autorizaria a criança a viver.* (BENHAÏM, 2007, p. 12-13, ênfase no original)

Vale ressaltar que esse excesso de amor, para a pesquisadora, está ligado a hiperidealização e uma relação de sufocamento para a criança, pois não permite que a criança consiga viver de maneira saudável.

Já no que vale a perspectiva da ambivalência positiva a autora trata como:

Aquilo que poderia se originar a ambivalência dita “positiva” diria respeito a uma mãe que não estaria submersa de angústia pela demanda da criança e que poderia alimentá-la; nem demais, nem pouco demais. Dito de outro modo, nem imaginário especularizado, nem real não integrável, nem “pura” necessidade, a fome da criança seria recebida como uma realidade exterior simbolizável para ambos. (BENHAÏM, 2007, p. 12, ênfase no original)

Desta forma podemos perceber que mesmo na ambivalência positiva há o sentimento de ódio, e que a diferença reside na intensidade e caminho que esse sentimento seguirá. Além disso, é necessário ressaltar que essa angústia está intrinsecamente ligada ao próprio amor materno, mas esse relacionamento da mãe com a prole, quando se baseia na ambivalência positiva, consegue estabelecer um equilíbrio em seu relacionamento não colocando a prole em risco.

Essa questão da ambivalência ocorre que podemos compreender que, na verdade, a figura da Outra Mãe, nada mais é do que uma parte conflituosa e ambivalente da própria mãe, a qual apresenta sentimentos divergentes, além de compor o amor idealizado, como:

— Por que ela me quer? — Coraline perguntou ao gato. — Por que quer que eu fique aqui com ela?

— Quer algo para amar, acho — respondeu o gato. — Algo que não seja ela. Pode ser que queira algo para comer também. É difícil dizer com criaturas daquelas. (GAIMAN, 2003, p. 88)

O Gato não hesita em dizer que a Outra Mãe poderia ter apenas dois interesses em relação a Coraline, tê-la como objeto de seu afeto ou comê-la, recriando uma cena similar à de Cronos e seus filhos. Mas, em relação ao afeto, é demonstrado como a ambivalência ultrapassou os limites de equilíbrio da negatividade, colocando em risco o bem-estar da criança.

Isso, ainda, se deve de forma indireta ao fato da Mãe de Coraline não preencher os aspectos do mito da **boa mãe**, como pode ser percebido em Serrurier (1993):

O mito da “boa mãe” sempre foi eficaz também no nível dos costumes familiares e da distribuição de papéis. Se é a fisiologia da mulher que lhe permite procriar, é ela, portanto, que pode melhor “maternar”. É uma evidência: cabe à mulher cuidar dos filhos, e, por isso, ficar em casa se as condições econômicas da família não permitem que ela seja substituída. A educação dos filhos *pelos* *mulheres*, suposta e

obrigatoriamente “boas mães”, é um dado sociológico raramente questionado, cuja importância capital para a estruturação e o equilíbrio de um grupo humano não medimos realmente. O mito da “Boa mãe” é, portanto, indispensável à sobrevivência do grupo. “Isso não existe, mas de qualquer forma, podemos acreditar nele”. (SERRURIER, 1993, p.63, ênfase no original)

Torna-se perceptível que não há a presença da **Boa Mãe** no romance, ao menos não da maneira colocada pela pesquisadora, referindo-se a indivíduos afab⁴. Há uma divisão de poderes entre os pais, os quais se revezam para tomar conta da filha, mas é perceptível que ocorre uma cobrança maior da protagonista com sua mãe.

Era o melhor frango que Coraline já havia comido. Às vezes, sua mãe fazia frango, mas era sempre congelado ou industrializado. Ficava muito ressecado e nunca tinha gosto. Quando o pai de Coraline preparava frango, comprava frango de verdade, mas fazia coisas estranhas com ele, como cozinhá-lo ao vinho ou estufá-lo ao vinho ou estufá-lo com ameixas ou assá-lo em uma crosta e Coraline, por princípio, recusava-se sempre a tocá-lo. (GAIMAN, 2003, p. 39)

Há a necessidade, por parte da protagonista, de exigir que sua mãe se encaixe em um padrão estipulado socialmente do que seria o comportamento ideal, adentrando, assim, aos critérios não apenas da boa mãe, mas também de idealização do amor materno e da figura da mãe. É interessante notar que essa cobrança funciona como eco do pensamento sobre a mãe santa glorificada no século XIX, a qual podemos ver no trecho de Badinter:

O modo como se fala dessa “nobre função”, com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a “vocação” ou o “sacrifício” materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se cria o hábito de pensar que toda boa mãe é uma “santa mulher”. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho. (BADINTER, 1985, p.223, ênfase no original)

4 Afab – Assigned female at the birth (Designado mulher ao nascer). Esse acrônimo é usado para descrever o sexo ao nascer de pessoas trans e não-binárias.

A diferença crucial, talvez, seja que não há (ao menos não foi explorado na obra) o levantamento desse valor de maneira interna, mas sim externa, sob a ótica de Coraline, ao desejar uma mãe que preenchesse todos os requisitos avaliados como pertinentes para uma **boa mãe**. O interessante é, que quando poderia dar-se por satisfeita por finalmente **ter alcançado a mãe que tanto almejava**, percebe que há algo estranho e começa a reagir a isso, causando desagrado na Outra Mãe.

— Mais afiado que o dente de uma serpente — disse ela — é a ingratidão de uma filha. Mas até o espírito mais orgulhoso pode ser vencido com amor. — E seus longos dedos brancos moviam-se de um lado para outro e acariciavam o ar. (GAIMAN, 2003, p. 104)

A partir desse comportamento, ocorre uma ruptura em relação às ideias que a protagonista almejava de sua mãe até então, percebendo que a idealização talvez não fosse o melhor caminho, principalmente quando é cobrado um alto preço, como quando a Outra Mãe passa a exigir que Coraline substitua seus olhos por botões, pois percebe que a outra versão de sua Mãe nunca cobrou.

Essa ruptura é apontada com clareza por Coraline no seguinte trecho:

— Você realmente não entende, não é? — disse. — eu não *quero* tudo o que eu quiser. Ninguém quer. Não realmente. Que graça teria ter tudo o que deseja? Em um piscar de olhos e sem o menor *sentido*. E daí? (GAIMAN, 2003, p. 152, ênfase no original)

Coraline conseguiu o que almejava, uma mãe que lhe oferecia tudo o que pedia como comidas gostosas, atenção, roupas e um quarto colorido, mas foi necessário que seus pais fossem sequestrados para que percebesse que, na verdade, não queria nada daquilo. Seu comportamento de repúdio ao que a Outra Mãe lhe deu tornou-se uma marca não apenas para o romance, como para a HQ e para o filme, sendo que este último chegou utilizar em seu pôster os dizeres: *Be careful what you wish for*, que pode ser traduzido por: **Tenha cuidado com o que deseja**, reforçando que se basear em sentimentos idealizados nem sempre é a melhor escolha.

CONCLUSÃO

Levando em conta os aspectos citados anteriormente, é importante destacar que a ambivalência materna nada mais é do que uma característica intrínseca à própria figura do arquétipo da mãe. No caso do romance *Coraline*, temos a *persona* deste nas figuras da Mãe e da Outra Mãe, as quais fluem entre boa e má, mesmo que de maneira inconsciente para a protagonista que busca encaixá-las nas formas que melhor compreende para favorecer suas necessidades. Desta forma, podemos entender que é provável tratar-se da mesma pessoa, mas sob diferentes visões da sua filha em relação ao relacionamento que possuem, ou seja, ambas são a Mãe de Coraline em um diferente status da relação de Mãe e Filha.

A figura materna em *Coraline* é um sujeito conflituoso e plural, pois segue a perspectiva da filha em relação ao relacionamento materno, podemos compreender então, que essa relação tem altos e baixos, portanto, não é boa ou ruim, aterrorizante ou angelical. Essa relação conseguida é ambivalente, a ponto de ser colocada em posição de questionamento, pois, como visto, tais valores, caso consigam encontrar o equilíbrio dentro da relação materna, podem usufruir dessas diferentes polaridades para ajudar no desenvolvimento do próprio indivíduo.

A ruptura dessa ambivalência materna ocorre apenas após a **derrota** da Outra Mãe, o que proporciona o retorno da Mãe de Coraline, como se fosse restabelecido um equilíbrio na relação das duas, que só é possível após a filha aceitar e compreender que nem tudo o que deseja é o que deve receber, juntamente com a problemática que a idealização traz.

Ademais, o problema da idealização materna é como o próprio romance demonstra a dissociação entre o sujeito mãe e a sua humanidade, esta ocorre, de maneira que certos comportamentos que não coincidam com esse imaginário do ideal de mãe cause estranhamento, ou em casos extremos, como no caso da protagonista, passe a ver esta mãe como uma figura monstruosa e disforme.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENHAÏM, M. *Amor e ódio: a ambivalência da mãe*. Tradução de Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.

CORALINE. Direção de Henry Selick. EUA: Bill Mechanic e Laika; Focus Features, 2009. 1 DVD (100 min).



GAIMAN, N. *Coraline*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____; RUSSEL, P. C. *Coraline*. Tradução de Regina de Barros Carvalho. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

GOSS, J. *The mother with the button eyes: an exploration of the story construct of the 'other-mother'*. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Mother-with-the-Button-Eyes%3A-An-Exploration-of-Goss/3a0d6c631f9b22dd883f27262ea09def660da1c9>. Acesso em: 21 fev. 2021.

JUNG, C. *Aspectos do feminino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

NOGUERA, R. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

OLSEN, R. *The booklist interview: Neil Gaiman*. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/booklist/speciallists/speciallistsandfeatures1/booklistinterviewneil.cfm>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SERRURIER, C. *Elogio às mães más*. Tradução de Sonia Goldfeder. São Paulo: Summus, 1993.

